

# **Pequena Obra da Divina Providência**

## **Dom Orione**

Os  
Filhos  
de  
Dom  
Orione



3

1934 - 1940

no Brasil

**Secretaria Provincial**  
Pe. Genésio Poli – Agosto 1985 – Autor

## 6. Segunda Estada de Dom Orione na América

Doze anos após sua partida da América, Dom Orione retorna em visita aos seus filhos de além mar. A necessidade de reforçar e ampliar as posições iniciadas, um protesto por calúnias recebidas e não retratadas, além do desejo evangélico de fazer sempre mais em favor dos pobres, levaram Dom Orione à decisão de empreender esta nova viagem.

Aos 6 de setembro de 1934, Sua Santidade Pio XI recebe Dom Orione, em Castelgandolfo, numa audiência particular que este qualificou de "consolantíssima".

Depois Dom Orione visitou as casas romanas: a Colônia S. Maria de Monte Mario, Anzio, Squarciarelli (já febril) e S. Oreste subindo o eremitério sobre um jumentinho.

De retorno a Roma cuidou da febre e voltou a Tortona para se preparar. Em Genova falou aos benfeitores e no domingo, 26 de outubro, véspera do embarque, celebrou no Santuário de N. Sra. da Guarda, presentes 500 religiosos e aspirantes, e muitos amigos, e falou sobre "Os nossos Amores". De tarde a cerimônia do adeus, no Santuário. Recebeu das mãos do nosso bispo Dom Albera (estava presente também o outro bispo, D. Cribellati) o crucifixo, juntamente com os demais missionários: Pe. Castagnetti, Pe. Cerasani, Pe. Felici e Pe. Lorenzetti (este destinado ao Brasil) e... rumo à estação de trem.

No dia 24, já em Genova, sobe com os seus no Conte Grande onde já está o Cardeal Pacelli, Legado Pontifício para o Congresso Eucarístico de Buenos Aires. Havia muitos outros Prelados.

No navio estava Irmã Maria Pazienza, Superiora Geral das Pequenas Missionárias; assim como o Sr. Eduíno Orione e Esposa que voltavam para o Brasil. Às 18:30 o "Conte Grande" levanta âncoras.

Durante a viagem, Dom Orione celebra, faz um pouco de bem, confessa muito. O "L'Osservatore Romano" relata: *"Ontem de tarde o sermão foi confiado a D. Orione, já conhecido em todo lugar; todas as classes do navio o disputam. Faz tanto bem... A capela ficou lotada. Falou da Confissão: a luz de sua razão e origem, a benéfica economia nas almas; o que foi na vida do cristianismo, nas virtudes individuais, guia moral e social, o que pode fazer hoje que há tudo para refazer. Cristo é verdade no Evangelho e no Pontificado Romano; na Santíssima Eucaristia; caminho na Penitência"*.



D. Orione embarca no Navio Conte Grande

No dia 6 de outubro está no porto do Rio de Janeiro. Durante a espera um grupo de senhoras da cidade fizeram ao Legado uma homenagem com uma cesta de frutas. O Cardeal passou-a, pouco depois, a Dom Orione que distribuiu as frutas entre os novos amigos da terceira classe.

Na mesma escala Dom Orione pôde encontrar-se com alguns dos seus religiosos missionários. Ele mesmo conta o encontro: *"No Rio de Janeiro desembarcou o Pe. Lorenzetti, destinado ao Brasil, e nós tivemos tempo de descer e visitar o nosso Instituto que fica aos pés do Corcovado, a montanha sobre a qual*

*se ergue a imagem de Cristo Redentor, a maior imagem do mundo. O nosso Instituto tem Capela pública, mantém uma escola e tem um grande terreno. É propriedade da Congregação e não tem dívidas.*

*Em Santos chegamos quando já era noite. Encontramos lá a esperar-nos o Pe. Mario Ghiglione e o Pe. Martinotti e outros sacerdotes amigos vindos de S. Paulo. Foi uma parada muito rápida, mas que alegria rever aqueles confrades! Pedi que embarcasse comigo o Pe. Angelo De Paoli para dar-lhe ocasião de participar do Congresso Eucarístico e rever os confrades da Argentina e do Uruguai onde ele nunca esteve". Pe. Angelo voltará aos 4 de novembro.*

Na Argentina, D. Orione participou intensamente das solenidades eucarísticas que definiu "um paraíso", e continuou sua obra evangelizadora e assistencial abrindo numerosas casas na Argentina, no Uruguai e no Chile.

Aos 26 de outubro, do Uruguai escreve a D. Sterpi: *"Irei ao Chile e ao Peru logo que puder. Aceitarei uma Missão no Mato Grosso"*. Dom Vicente, bispo de Corumbá, MT, ficou contente que em 1935 terá na localidade de Entre Rios (6 horas de carro de Campo Grande) os orionitas. *"É uma verdadeira missão de índios que já têm contato conosco"*.

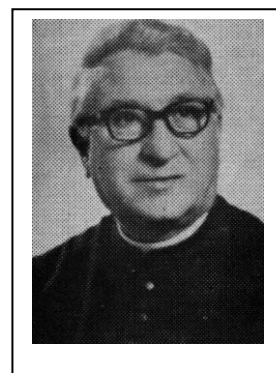
No dia 6 de janeiro de 1935 escreve ao sobrinho Eduino: *"Abrirei quanto antes uma missão, já aceita, no interior, entre os índios em região infesta e muito quente; e claro que eu irei por primeiro... Percebo que minha vida está indo e tenho grande desejo e ardor de consumá-la em favor do bem. Quer dizer que se ao Brasil não pudesse ir ainda vivo, deixarei que me levem morto, mas também após a morte quero trabalhar para fazer o bem"*.

Em 9 de fevereiro escreve a Dom Sterpi informando que no dia 6 de março abrirá a Missão no Mato Grosso.

O Sr. Eduino Orione responde às suas cartas levantando dificuldades quanto à missão, sobretudo porque ainda não existia uma organização suficiente de suporte. *"Como poderá sustentar, uma vez instituídos, estes postos avançados? Daqui a alguns anos poder-se-á falar disso, agora não... No momento dereria se se limitar às missões nas capitais!"*. E convida-o para a colocação da 1ª pedra do Santuário de Fátima.

Aos 13 de julho, Dom Orione escreve aos religiosos do Brasil que procurem casa e atividade para as Irmãs em São Paulo. E que Pe. Angelo dedique-se no Rio à construção do Santuário, determinando: *"Deixe a direção das Casas do Brasil que a tomará ele mesmo, pessoalmente (N.R. confirmada em carta de 27.7.35). Pe. Angelo faça dois boletins: A Pequena Obra, que já existe, e o de Nossa Senhora de Fátima. Trate bem e leve a termo o caso da Missão de Mato Grosso. Pe. Putortí e Pe. Martinotti são destinados para essa Missão."*

Aos 15 de novembro chega ao Rio um novo religioso, Pe. Antonio Cricenti e Dom Orione pede que enviem para a Argentina Pe. Lorenzetti e Pe. Rébora.



Sentia o Fundador uma preocupação especial pelo Brasil e suas instituições e em maio escreve de Buenos Aires: *"Externados, Externados! Sou absolutamente contrário aos Colégios. Orfanatos, Escolas Profissionais mas para Externos, colônias agrícolas, e evitar o mais possível ter internos. Sempre obras*

*para externos; patronatos para externos. Os Colégios requerem muito pessoal, laicizam nosso pessoal e são grave perigo e despesa..."*

Era a ânsia do seu coração que almejava abrir os braços a meninos menos auxiliados espiritualmente, sem contudo subtraí-los às alegrias da família, sempre que possível, que é a primeira e mais direta educadora.

Aos 7 de julho de 1936 é nomeado pela Santa Sé o Visitador Apostólico para a Congregação, na pessoa do Abade Emanuel Caronti, beneditino, em vista da aprovação da mesma. A partir deste momento o Visitador é que se torna diretor geral e nada pode ser feito sem seu consentimento. Finalidade da Visita é constatar o espírito e a organização da Congregação por mandato pontifício. E Dom Orione, sem abrir outras obras, incumbiu-se de organizar melhor as já abertas.

Afinal chegava a hora do Diretor voltar para a Itália. Era necessário fazer uma visita aos religiosos e casas do Brasil; e assim, no dia 23 de março de 1937, parte de Buenos Aires desejando passar a Páscoa em terras brasileiras.

No porto de Santos encontrou-se com Pe. Mario Ghiglione, diretor em São Paulo; e no dia 27, sábado santo, desembarca no Rio.

Constatando as dificuldades por que passam os religiosos no Brasil pede a Dom Sterpi pessoal para o seminário de Niterói, enquanto o Bispo desta cidade lhe oferece a Igreja de N. Sra. da Boa Viagem, situada na ilha em frente à cidade. Dom Orione com muito pesar não pôde aceitá-la.

Os Salesianos de Niterói lhe prestam uma afetuosa homenagem e o honram com uma academia artística na qual participam 400 jovens do seu instituto.

Dom Orione organiza um encontro em São Paulo dos seus religiosos, e visita o Núncio e o Cardeal, sempre recebido com benevolência e caridade. Podia escrever a Dom Sterpi: "*Todos estão contentes com os nossos!*".



Abril, 1937  
Todos os sacerdotes  
orionitas reunidos em  
São Paulo: Pe.  
Carmelo, Pe. Ângelo,  
Dom Orione, Pe.  
Carlos, Pe. Pedro, Pe.  
Mário, Pe. Arlotti

De 3 a 10 de abril de 1937 encontra-se em São Paulo, na Aquiopita, em visita, tendo ficado satisfeito com o trabalho dos seus religiosos e com a benevolência do Arcebispo e das Autoridades.

Nestes dias Pe. Martinotti é transferido de São Paulo para Niterói e Pe. Carmelo vai de Niterói para São Paulo como vice-pároco.

De volta ao Rio, por ocasião do seu 42º aniversário de ordenação sacerdotal, em 13 de abril, embora quisesse passar tal dia no escondimento, não pôde evitar uma manifestação de afeto. Celebrou para os orfãozinhos da Gávea que lhe manifestaram um grande amor.

Aos 19 de abril, com um ato de benevolência paterna, o Cardeal Leme visita a Casa da Gávea, levando pessoalmente a sua bênção a Dom Orione, como sinal de reconhecimento pelo trabalho que ele estava desenvolvendo para dar ao Brasil casas de educação para órfãos e abandonados. *O Cardeal* - escrevia o *Jornal do Brasil* - *elogiou a obra que considera uma das melhores para a formação da juventude brasileira.*



Rio – Gávea – 19/04/1937 – A visita do Cardeal Leme a Dom Orione: Pe. Martinotti, Dois sacerdotes diocesanos, Cardeal Leme, Dom Orione, Pe. Ângelo e Pe. Cricenti

A visita foi também uma saudação de despedida a Dom Orione que no dia 22 deverá embarcar no Neptunia... “Mas voltará em breve”.

No dia seguinte, como que resumindo, escreve: “*Caro D. Sterpi, estou contente com o Brasil!*”

Antes de sair, considerando que Pe. Angelo De Paoli, há muitos anos, atendia à Congregação de Madre Michel, dispensa-o por 3 anos de se ocupar espiritual e materialmente das Irmãs.

No dia 22 de abril afinal, passa pelo Rio o navio Neptunia que trazia vários missionários: Padres, Clérigos e Irmãs de Obra. Descem no Rio os clérigos Antonio Pirazzini e José Laganá. Na hora da saída do navio, também Dom Orione embarca com os demais para voltar para a Argentina.

Poucos dias depois (28.04) acata a disposição do Visitador Apostólico quanto às atividades: “*Com total adesão* - escreve ao Visitador - *do coração e da mente, acolho a orientação de V. Revma. no sentido de que não se abram por agora novas obras. Deo gratias! Fico feliz por poder dizer-lhe que sinto nas suas palavras a vontade de Deus e a adoro; na alegria do meu espírito louvo e agradeço a Deus e a V. Revma.*”

Por isso assim escreve a Pe. Angelo: “*Por alguns anos nada de Mato Grosso*” e agradece todas as atenções recebidas no Brasil.

Após as últimas visitas às Casas da Argentina e do Uruguai, parte com o navio Neptunia, de Buenos Aires, no dia 6 de agosto de 1937, de volta definitivamente à Itália.

Passa no dia 10 por Santos e aí encontra no cais Pe. Mario e Pe. Carmelo. No dia 11 está no Rio de Janeiro. Tem tempo para visitar a Gávea e saudar o Sr. Cardal e o Núncio Apostólico. No dia 13 de agosto visita o Corcovado rezando aos pés do Cristo Redentor e, depois de ter dado com comoção uma tríplice bênção ao Brasil, pronuncia a famosa frase: “*O que não fiz em terra pelo Brasil, fá-lo-ei do céu.*”

No mesmo dia embarca rumo a Nápoles onde chega em 24 de agosto de 1937.

Durante a viagem assumiu novamente a mesma tarefa de 3 anos atrás, quando viajava para a América: era pai espiritual de muitas almas e passava horas e horas confessando, às vezes até meia-noite.

No dia 13 de outubro é recebido novamente pelo Papa Pio XI em audiência particular.

Sempre em obediência respeitosa ao Visitador Apostólico, continuou Dom Orione sua paternal preocupação para os religiosos e obras da América Latina na esperança de ampliá-las em número e atividades.

No dia 8 de fevereiro de 1939 escreve a Pe. Angelo: *"Chegarão Pe. Di Genova e Pe. Sordini; depois enviarei os brasileiros, ordenados sacerdotes e laureados. Queria que a filosofia todos a fizessem no Brasil, e a teologia todos na Argentina"*.

Um mês depois: *"Com o Oceania chegará Pe. Wawroski que se interessará pelos poloneses daí. Mais tarde irá também Pe. Campos"*.

Ainda em abril: *"Até agora semeamos com dor, mas me parece pressentir que se aproxima o tempo da alegria... Estou velho e cansado e não poderei ver se não do céu, que espero alcançar pela infinita misericórdia de Deus, as futuras e grandes expansões da nossa cara Congregação. Mas quem me impede de vos dizer aquilo que a bondade divina me faz sentir que se realizará, não por nosso merecimento, mas pela Sua Graça, nas futuras disposições da Divina Providência?..."*

No dia de sua morte, 12 de março de 1940, escreve: "SAÚDO, CONFORTO, ABENÇÔO".



Detalhe da missa de sétimo dia de falecimento de Dom Orione, março de 1940, em Niterói.



## 7. Rio de Janeiro - Gávea

A direção da Casa da Gávea e das demais do Brasil (São Paulo e Niterói) continuava na pessoa de Pe. Angelo De Paoli oficialmente reeleito a cada cinco anos.

Em 1934, a Casa que contava com orfanato, escola primária para externos, escola de tipografia, carpintaria e atividades quase paroquiais, era dirigida pelos seguintes religiosos: Pe. Angelo, diretor; Pe. Francisco Arlotti, Pe. Nicolau Rébora e, vindo com Dom Orione, o Pe. João Lorenzetti; auxiliados pelo Prof. Bernardo Bottino.

Em 1935 chega Pe. Antonio Cricenti mas, ao mesmo tempo, são transferidos, a pedido de Dom Orione, para a Argentina Pe. Nicolau Rébora e Pe. Lorenzetti.

Em julho, Dom Orione, para deixar Pe. Angelo mais dedicado à construção do Santuário, retira-lhe a direção das casas de São Paulo e Niterói, que reservou a si mesmo.

Aos 14 de janeiro de 1936, entra na Gávea o aspirante Antonio Biagioni. Pouco depois, em 24 de maio, o Ir. Angelo Gatti que assistia os seminaristas em Niterói, volta para a Itália.



**Rio de Janeiro – Gávea – 1936**

Religiosos e alunos. Da esquerda: Cl. Wilton, Pe. Antonio Cricenti, Pe. Angelo de Paoli, Cl. Diogo Pacheco. Sentado na extremidade o asp. Antonio Pagliaro, ainda sem batina.

Dom Orione escreve da Argentina a Pe. Angelo: “*Suspende totalmente a abertura de novas casas. Assiste bem as já abertas.*” A Congregação estava no período da visita apostólica.

Pe. Arlotti é enviado no dia 6 de agosto para Niterói a fim de cuidar melhor dos seminaristas cujo número aumentava.

Em 1937 Pe. Cricenti deixa a Congregação incardinando-se no clero do Espírito Santo.

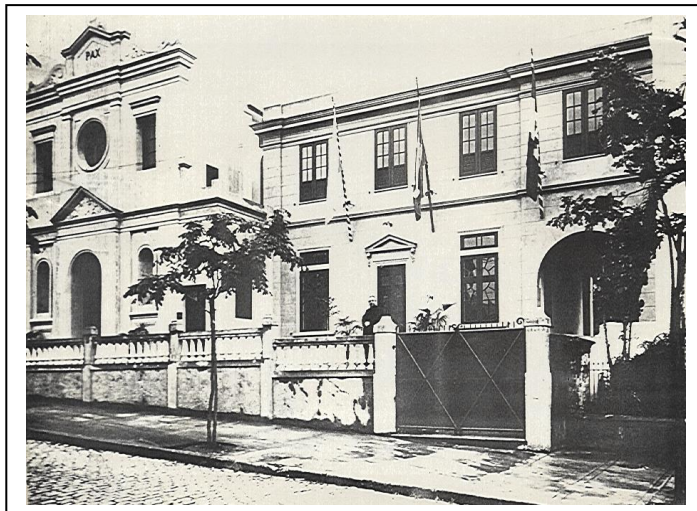
E em março - como já relatamos - Dom Orione vem da Argentina para passar algumas semanas entre os seus filhos. Antes dele deixar o Brasil, chegam da Itália os clérigos Pirazzini e Laganá.

No dia 17 de abril numa singela cerimônia na Capela da Gávea, Dom Orione entrega o santo hábito ao Asp. Angonio Pagliaro.

Mais alguns dias Dom Orione passou na Argentina e, em agosto, de passagem para a Itália, mais uma visita, esta breve e a última.

Encerra-se o ano de 1937 com a inauguração e bênção da Capela atual, aos 5 de dezembro, muito mais ampla que a capelinha precedente.

A ampliação veio atender às exigências que se faziam cada vez maiores para o atendimento dos numerosos fiéis. No altar mór tem a imagem de Nossa Senhora das Graças, ao lado São José e o Sagrado Coração; na fachada as estátuas dos Príncipes dos apóstolos.



Em 1938 temos a entrada na Gávea do aspirante Rubens Cerqueira, em 16 de janeiro.



**Rio – Gávea – 15.02.1938 – Jubileu Sacerdotal de Pe. Ângelo de Paoli**

Da extrema direita: Cl. Rubens. Cl. Pirazzini. Cl. Paoliaro. Mons. Novaretti e Pe. Carlos Alferano

Aos 15 de fevereiro uma solene comemoração pelo jubileu de Prata sacerdotal de Pe. Angelo De Paoli.



No dia 23 de maio chegam da Itália três novos missionários: Pe. Vicente Bormini e os clérigos José Tonelli e Antonio Mauri, com mais 10 missionários dirigidos à Argentina e Uruguai. Os recém chegados ao Brasil permanecem na Gávea.

O Cl. José Laganá abandona a Congregação e vai com o Bispo do Espírito Santo.

Aos 21 de dezembro de 1938, Pe. Angelo efetiva a compra do imóvel da R. Riachuelo, 367, futuro Santuário de N. Senhora de Fátima.

No dia 2 de março de 1939 os aspirantes de Niteroi são transferidos para a Gávea que funciona também como seminário; são ao todo, doze.

O Cl. Pirazzini, em 14 de março, retorna por motivo de doença.

Novos reforços vêm da Itália nas pessoas dos Pe. Pedro Sordini e Pe. Luiz Di Genova que imediatamente se integram na casa da Gávea.

Grande alegria tornou-se a notícia da ordenação sacerdotal, em Roma, em 30 de julho de 1939, do primeiro sacerdote orionita brasileiro Pe. Fernando Campos Taitson que após completar seus estudos voltaria ao Brasil.

No entanto, naquele ano, a 1º de setembro, inicia infelizmente a tragédia da 2ª guerra mundial. Transtornos e desgraças foram os frutos deste desfecho de ambição humana. Todos naturalmente devia sentir os efeitos e não escapou a nossa pequena e ainda nascente Congregação.

No dia 1º de outubro de 1939, Pe. Angelo abre a nova casa da Rua Riachuelo e para lá se transfere, deixando diretor da Gávea o Pe. Vicente Bormini. Com o Pe. Ângelo transfere-se também a Sede da Direção da Pequena Obra no Brasil.

Aos 27 do mesmo mês entram na Rua Riachuelo os clérigos e aspirantes estudantes, tornando-se assim o Seminário da Congregação. Chega, para lecionar, o Pe. Luiz Di Genova.

Aos 15 de fevereiro de 1940 entra, já em Fátima, o novo aspirante Renato Scano e no mês de março, o Cl. Lamartine Ferreira que havia voltado da Itália no dia 2 de novembro de 1939 e estava fora da Congregação, é aceito novamente e vai lecionar em Fátima.

## 8. Niterói - Saco de São Francisco

A casa de Niterói compunha-se em 1934 da Paróquia, onde a 19 de março tomara posse como pároco Pe. Carmelo Putortí em substituição a Pe. Arlotti, e do Ir. Angelo Gatti que acompanhava os seminaristas. Pe. Lino Cantoni uniu-se, após sua volta de Vitória do Espírito Santo, à comunidade, mas em abril segue para a Argentina.



Nota-se, ao fundo, a Igrejinha em reforma

Em 6 de agosto de 1936 retorna da Gávea o Pe. Francisco Arlotti para cuidar dos aspirantes com a saída do Ir. Gatti.

Em março de 1937, a comunidade recebe a consoladora e paternal visita de Dom Orione.

Este chamou para Niterói o Pe. Martinotti (30 de março) e enviou Pe. Carmelo para São Paulo. Chega, neste período, o Cl. José Laganá que no ano seguinte deixa definitivamente a Congregação.

O início de 1939 vê a necessária transferência do Seminário que, para o momento, se instala na casa da Gávea.

É digno de menção o falecimento, no Rio de Janeiro, aos 27 de maio de 1940, de Pe. Sebastião

Gastaldi, aos 74 anos de idade, antigo vigário do Saco de São Francisco.

Aos 3 de outubro deste ano, a Igrejinha teve um complemento da reforma que estava sendo realizada desde 1937, fazendo voltar a construção à forma originária antes de se tornar morada do fazendeiro. É que debaixo do altar mor foi pintado e, nesta ocasião inaugurado, o quadro de José de Anchieta moribundo. O pintor é o Sr. Gelindo Frazzoli.



Ao lado: Fevereiro de 1937, Dom Orione diante da gruta milagrosa

## **9. São Paulo - Nossa Senhora Aquiopita**

Em 1934 a comunidade religiosa de Nossa Senhora Aquiopita em São Paulo era composta por Pe. Mario Ghiglione, diretor e pároco; Pe. Carlos Alferano, vice-pároco e Pe. Pedro Martinotti.

Além da intensa atividade pastoral, sempre elogiada por todas as Autoridades, os padres e o povo estavam preocupados com a continuação da construção da nova Igreja. Em abril, no dia da Páscoa, coloca-se a primeira pedra da cúpula.

A festa de Nossa Senhora contou com a participação durante a Missa das 10 horas da banda musical do "8º Bersaglieri" da Itália e a procissão – segundo contam - durou cinco horas.

Em setembro realizou-se a solenidade das bodas de prata sacerdotais de Pe. Pedro Martinotti.

Um ano depois, em 5 de abril de 1936, a solene inauguração da cúpula da Aquiopita com o Crucifixo iluminado. Escrevia D. Orione em sua visita: *“É a única igreja em São Paulo com a cúpula!”*.

Aos 24 de janeiro de 1937 o bispo auxiliar Dom Gaspar celebra na Igreja da Aquiopita. É a segunda missa episcopal nesta igreja.

Aos 30 de março Pe. Martinotti é chamado para Niterói e logo depois chega Pe. Carmelo como vice-pároco.

A construção não pára e em 24 de julho é abençoada a primeira pedra da Capela interna de São José.

O crescimento da população faz com que o Sr. Arcebispo constitua novas paróquias e assim, com a ereção das paróquias da Imaculada, de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco, ficam reduzidos os limites paroquiais quase aos hodiernos. Isso em novembro de 1939 e março de 1940.

## 10. Santuário Nossa Senhora de Fátima

Pe. Angelo De Paoli, no diário do Santuário, após ter lembrado a promessa que fizera a Nossa Senhora em Monte Spineto, nos anos de 1909 e 1913, por ocasião da sua sagrada ordenação sacerdotal, de realizar “qualquer coisa de notável para o seu culto” relata quanto segue como origem do Santuário.

*“O Instituto (da Gávea, em 1933) já estava a bom ponto; os alunos eram mais de 40 internos e mais de 100 externos. Os pedidos para aceitar meninos pobres começaram a ser inúmeros e os recursos sempre poucos. Os jornais além do Atlântico davam notícias insistentes sobre as aparições de Nossa Senhora de Fátima. O caso não deixou de me impressionar; mas, um tanto cético, procurei não ligar. No entanto é nesta época que começou a me importunar a idéia de levantar no Rio um Santuário a Nossa Senhora. Cheguei até a pensar de repetir aqui o que Dom Orione realizou em Tortona: o Santuário de Nossa Senhora da Guarda.*

*Conhecendo uma senhora riquíssima cujo esposo falecera pensei de lhe escrever pedindo um terreno junto de sua casa na Rua Conde de Bonfim, esquina da Rua Uruguai. A resposta foi seca e negativa: sinal que não lhe agradou. No mesmo ano senti então que o Santuário devia ser a Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Rezei, depois apresentei a idéia ao Superior, Dom Orione; a resposta foi de plena aprovação. Sobre a localização da obra pensei logo na Rua Riachuelo, lugar onde há anos atrás, passando por ali pela primeira vez, notei a necessidade de uma igreja e rezei um Pai nosso, Ave Maria e Glória ao Pai, a São José para que nesta rua desse uma casa para a Congregação dos Filhos da Divina Providência. Procurei imediatamente um terreno que servisse para o fim, porém sem grande resultado.*

*Sabendo que senhores portugueses, donos de vastos terrenos na Rua Riachuelo estavam preparando um loteamento e que estavam dispostos a ceder um terreno para a Igreja, fui procurá-los e depois de muitos esforços obtive deles a promessa que o terreno seria dado à Cúria mas que pediriam ao Eminentíssimo Cardeal Dom Leme que o entregasse à nossa Congregação. Fomos ao Cardeal e, tendo-lhe apresentado a razão de pleitearmos o início desta obra, que além da glória a Maria Santíssima, era o intuito de arranjarmos os meios para manter as crianças pobres, aprovou e abençoou a obra.*

*Pareceu estar a coisa a bom ponto quando novos e grandes encalhes surgiram contrariando o plano. A Prefeitura tinha, há muitos anos, inserido no plano regulador da cidade o projeto de um túnel no lugar indicado para a igreja, de modo que, apesar de muitos esforços e promessas, não foi possível realizar ali a obra; foi necessário abandonar a idéia de construir naquele local.*

*Neste tempo, além destas dificuldades, surgiram numerosos contratemplos; não existia a obra e já o inimigo insurgira-se furioso contra ela. As oposições mais duras vinham de casa e chegaram ao ponto de impressionar a Dom Orione, então na Argentina (1935), que me escreveu manifestando-me os seus receios. Um tanto desalentado pensei em encerrar o caso, porém considerando tudo aos pés do altar, vi ainda mais claro a grande utilidade para a Congregação de ter um Santuário no centro da grande metrópole brasileira e oferecendo a Nossa Senhora os desgostos havidos e por haver, não desisti da obra.*

*Os esforços para a procura de um lugar apropriado deram ainda em nada, até março de 1937. Recebi nesta época um livro de Portugal. Em abril veio da Argentina Dom Orione e insistiu para que levasse adiante a idéia. Por alguns dias Dom Orione rezou e na segunda audiência tida com Sua Eminência Dom Leme, tratou do assunto. Durante a audiência eu fiquei rezando o terço na Capela do Palácio pedindo*



à Virgem Santa que, se não fosse tudo para a maior glória de Deus, tudo se acabasse ali. Veio Dom Orione me buscar na capela e totalmente radiante de alegria me levou à presença do Cardeal que animou-me muito a colocar as mãos à obra e abençoou tudo de coração. Ao sairmos da audiência Dom Orione, quase sem se conter, entoou o "Te Deum laudamus" e pediu-me que o levasse à Igreja mais próxima em que se conservasse o Santíssimo Sacramento. Fomos à Igreja dos Barnabitas, Rua do Catete, e ali rezamos novamente o "Te Deum". Em seguida, Dom Orione manifestou o desejo de dar um passeio fora da cidade em lugar muito arejado; de automóvel fomos a Copacabana e ao Leblon, seguindo depois para Casa.

Depois desta nova injeção de coragem e esperança, novas dificuldades surgiram acerca da localização do Santuário. Já estava quase concluída a compra de uma velha casa na Rua Riachuelo quando foi pelo Governo decretada Monumento Histórico Nacional por ter vivido ali o General Osório.

Frustrada esta nova tentativa, senti-me quase desanimado, quando ao ler um livro sobre Fátima, ocorreu-me a idéia de escrever ao Excelentíssimo Bispo de Leiria pedindo o favor de fazer chegar às mãos de Irmã Dolores (Lúcia, a vidente de Fátima) uma súplica pedindo orações.

Antes do fim de abril vieram me oferecer a casa da Rua Riachuelo, 367. Coincidência - dir-se-ia - mas é visível a intervenção da Virgem Santíssima. Sua Excelência o Bispo de Leiria em sua carta do dia 26 de abril de 1938 dizia-me que ia escrever à Irmã Lúcia, a vidente, transmitindo o meu pedido e eis que naqueles dias veio a oferta e em seguida tudo se realizou.

No dia 21 de dezembro, no Tabelião Tavora, passava-se a escritura da compra, podendo dar no ato 180 contos de réis. O preço total foi estipulado em 250:000\$000. Foi um dia de alegria na Casa da Rua Lopes Quintas e todos os Religiosos da Divina Providência no Brasil deram graças a Deus e à Virgem Santíssima.



viviam dentro e tendo que dar tempo para foi possível iniciar as obras de restauro e

muíto barato a linda imagem de madeira, 7 de agosto foi posta sobre o altar. (NR: O

mpetentes, no dia 13 de outubro de 1939, hora na Cova da Iria em Portugal, com o santa Missa na Capela provisória aos pés soas íntimas porque ainda não tínhamos a mpanhou a Missa no harmônium".

riram-se definitivamente da Gávea para o ário.

O de dezembro foi abençoada pelo Núncio

na do Santuário de Fátima.

**o – Fátima, 1940**

ção e na mesma foto, à direita, pode-se notar a Residência,  
o. Ao lado o projeto do Santuário.

## **11. O Seminário da Pequena Obra no Brasil**

Devemos confessar que, somente um pouco tarde, se deu início a um verdadeiro interesse em formar jovens para a Congregação Orionita.

O primeiro aspirante que entrou na Gávea foi Fernando Campos Taitson no dia 13 de abril de 1926, seguido, quase dois anos depois, em 19 de dezembro de 1927, por Lamartine Ferreira. Ambos, após um período no Instituto, foram enviados para o noviciado e estudos superiores em Roma, no dia 16 de novembro de 1929. O primeiro, Fernando Campos Taitson, tornou-se sacerdote e voltou em 1946; o segundo saiu da Congregação antes da ordenação.

O desejo de formar jovens para a Congregação porém não faltava e, de acordo com o bispo de Niterói, foi aceita a paróquia do Saco de São Francisco, no dia 1º de abril de 1930, com o intuito principal de iniciar o seminário. E assim ocorreu, em Niterói, aos 24 de abril de 1930, com a entrada do primeiro aspirante José Corrêa Pinto. Era assistente o Irmão Ângelo Gatti e, em agosto, chega Pe. Lino Cantoni para dirigir a nova escola apostólica.

Aos 10 de abril de 1931, Pe. Ângelo celebra a primeira missa na capela do seminário e o Sr. Bispo, Dom José Pereira Alves, prestigia o esforço vocacional entregando a batina aos primeiros quatro aspirantes: Pedro, Diogo, Luiz Finore e Aloísio.

Novos aspirantes se sucederam e vestições também. Já lembramos a entrada do aspirante Antônio Pagliaro (22/01/1932), único dos que entraram em Niterói que chegou ao sacerdócio. Recordamos alguns nomes: Wilton Ferreira que acompanhou Pe. Cantoni em Vitória; André Ignácio que foi noviço; Rubens Cerqueira, depois capelão militar; Francisco Alves Pereira que professou em 1944 e saiu em 1947; Antônio Biagione que professou em 1944 na Itália e saiu em 1950 e Cícero Grossi...

Alguns emitiram votos de devoção em 14 de agosto de 1938, como André Ignácio, Antônio Biagione e Bernardino Vasconcellos; e no mesmo dia receberam a batina: Biagione, Rubens e Francisco Alves.

Neste período entraram na escola apostólica 66 aspirantes.

No dia 2 de março de 1939 os 6 aspirantes que restaram uniram-se a outros 6, mais adiantados nos estudos, na casa da Gávea que passou a ser naquele ano o seminário da congregação.

Quase no findar do ano foi aberta a casa de Fátima, à Rua Riachuelo, 367 e para lá se transferiu novamente o seminário no dia 27 de outubro de 1939. Eram aspirantes: Francisco Alves Pereira, Antônio Biagione, Mário Targino Corrêa Lima, Cícero Grossi, Edward Pacheco e José Monteiro Bitencurt. O Diretor era Pe. Ângelo de Paoli, auxiliado por Pe. Luiz di Genova e, em março de 1940, por Lamartine Ferreira.

Dos 9 aspirantes novatos que entraram em Fátima, merecem menção: Renato Scano (15/01/1949), Antônio de Freitas Ribeiro, Joaquim Assis de Souza e Raymundo de Paiva, que se tornaram religiosos.

## Chegada e Saída dos Missionários

<b><i>Chegada</i></b>	<b><i>Nome</i></b>	<b><i>Saída</i></b>
<b>1934</b>	<i>Pe. João Lorenzetti</i>	Transf. 1935
<b>1935</b>	<i>Pe. Antônio Cricenti</i>	1937
<b>1937</b>	<i>Cl. Antonio Pirazzini</i>	Transf. 1939
	<i>Cl. José Laganá</i>	1938
<b>1938</b>	<i>Pe. Vicente Bormini</i>	+ 1941
	<i>Cl. José Tonelli (Pe.)</i>	+ 1994
	<i>Cl. Antônio Mauri (Pe.)</i>	Transf. 1965
<b>1939</b>	<i>Pe. Pedro Sordini</i>	Transf. 1946
	<i>Pe. Luiz Di Genova</i>	Transf. 1940

## Obras e pessoal no final de 1940

<b>Rio de Janeiro</b>	<b>Rio de Janeiro</b>	<b>São Paulo</b>	<b>Niterói</b>
<b>Fátima</b>	<b>Gávea</b>	<b>Aquiopita</b>	
Pe. Angelo De Paoli	Pe. Vicente Bormini	Pe. Mario Ghiglione	Pe. Francisco Arlotti
Pe. Luiz di Genova	Pe. Pedro Sordini	Pe. Carmelo Putorti	Pe. Pedro Martinotti
Cl. Lamartine Ferreira	Cl. José Tonelli	Pe. Carlos Alferano	
	Cl. Antônio Mauri		